

## O CIÚME

O ciúme é o green-eyed monster, complexo sentimento que estrutura algumas das obras-primas da literatura mundial, cujo topo é assegurado por Shakespeare no *Otelo* (1603). Ciúme, síndrome de Otelo, o mouro general negro de Veneza, que se vê reforçado por um sentimento de diferença. Tolerado pelos seus dotes militares, sente à sua volta o preconceito racista, potenciador da insegurança, que tentará dissimular através do comportamento impulsivo para com Desdémona, abrindo o caminho à intriga de Iago, sobre as suspeitas da possível relação entre a jovem e Cássio. Não é apenas o ciúme de Otelo quem mata Desdémona. É também o ciúme de Rodrigo e sobretudo a inveja de Iago, potenciada pela inocência de Cássio. Ciúme que redundava em culpabilização, bem visível no célebre desenho de Josiah Baydell, onde vemos um Otelo a esconder a cara com a mão direita, segurando o ferro com a mão esquerda. Lupa deformante dos factos, o ciúme é manifestação de angústia, temor da perda. Angústia sobre a fidelidade do outro, apoiada na possessividade, na necessidade de apropriação do outro. O triângulo do ciúme é constituído por um sujeito activo, que experimenta o ciúme, por um sujeito passivo, que o despoleta, pelo pivot do ciúme, as terceiras pessoas consideradas como móbil. Emoção egocentrada no sujeito activo, o ciúme vive da teatralização dos acontecimentos, apresentando-se como deformação da imaginação e como projecção inconsciente. Não raro, o que o ciumento atribui ao outro, não passa de projecção do seu próprio desejo de infidelidade. O ciúme poderá intimamente relacionar-se com inveja, que o outro desperta, pela beleza, pela vitalidade, e ainda pela juventude, nos desfazamentos etários. Admiração sem esperança, como a designou Kierkegaard, deformação reactiva, mecanismo de defesa do mais fraco contra o mais forte, ainda que estes atributos surjam frequentemente subvertidos, encenando-se a fraqueza como força. O ciúme, até mesmo quando póstumo, alimenta-se de dúvida, de incerteza, como mostrou Machado de Assis em *Dom Casmurro* (1899): Terá Capitu traído, ou não, o marido Bentinho, com o seu melhor amigo Escobar? Capitu fitava de forma intensa Escobar no velório deste, ou tudo isso não passa de enredo forjado na imaginação de Bentinho? Não será antes a auto-culpabilização deste, que não cumpriu a promessa de sua mãe, para tornar-se padre? Capitu não será vista como culpada da própria culpa do marido? Perguntas a que ninguém responderá. Diferentemente andou a personagem de Eça de Queirós, Godofredo Alves, no romance anti-ciúme *Alves & Companhia* (1925). Voltando mais cedo para casa, Godofredo encontra Ludovina, em pose comprometedoras com o sócio Machado, que lhe passava o braço pela cintura. Após ter expulsado a mulher de casa, reconsidera e ultrapassa o ciúme, procurando a reconciliação. Eles bem sabem que o divórcio é mau para os negócios e no final do romance, brindam os três, ao sucesso futuro. Como o ciúme é obra de imaginação, o anti-ciúme não deixa de o ser, tranquilizando a consciência e acabando Godofredo a duvidar se, na realidade, alguma vez viu Ludovina em atitude menos própria. Vemos o que está na nossa cabeça e não diante dos nossos olhos.

(Excerto de um ensaio, de Teresa Martins Marques in *Antologia do Conto Português*, sécs XIX-XXI, Edições Caixotim, Porto, 2009)